

O APOIO ESPECIALIZADO: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E COLABORAÇÃO NA ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO

Daiana Alves de Jesus Dalvi¹ - Universidade Federal do Espírito Santo.

Rita de Cassia Cristofoleti² - Universidade Federal do Espírito Santo.

Eixo Temático 4: Atendimento Educacional Especializado.

RESUMO

Historicamente somos modificados pela necessidade da busca de saberes, da compreensão de determinados conceitos, de respostas às inquietudes que vão surgindo através das observações evidenciadas no cotidiano do trabalho, bem como, a participação e as experiências constituídas pelas relações com as pessoas. O estudo trata-se de um recorte da pesquisa de Mestrado em andamento do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito, sob nº CAAE 16486919.2.0000.5063 de aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos. Objetivou-se compreender como se dão as especificidades de aprendizagem da criança com autismo, a partir de uma proposta de intervenção elaborada pela pesquisadora, juntamente com a professora especialista da sala de aula do ensino comum, apresentando através dos dizeres, observações e percepções, resultados e análises das mediações feitas pelas professoras, participantes da pesquisa, junto à criança com autismo. A pesquisa fundamenta-se teórica e metodologicamente na perspectiva Histórico-Cultural de desenvolvimento humano elaborada por Vigotski (2009, 2011) e colaboradores na medida em que postulam que nossa subjetividade se constrói na relação entre sujeitos. Nesse sentido, podemos analisar através dos dados obtidos que é preciso repensar a prática docente, incluindo o repensar das ações realizadas no trabalho colaborativo e os serviços de apoio. Portanto, se faz necessário oportunizar experiências de estudos e trocas significativas de aprendizagem entre os profissionais da educação, propondo o entrelaçamento do saber e as práticas possíveis, transformando e potencializando as ações pedagógicas.

Palavras-Chave: Apoio especializado, Ensino-aprendizagem, Autismo, Práticas Inclusivas.

¹ Aluna da Pós-Graduação (Mestrado) em Ensino na Educação Básica – Universidade Federal do Espírito Santo; São Mateus, Espírito Santo; Brasil; Endereço Eletrônico (E-mail: dianaronerdalvi@gmail.com).

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - Universidade Federal do Espírito Santo; São Mateus, Espírito Santo; Brasil; Endereço Eletrônico (E-mail: rita.cristofoleti@ufes.br; ritadecassiacristofoleti@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A escola representa um espaço em constante movimentação em torno do que se pretende ensinar e como as experiências de aprendizagem acontecem, possibilitando nesse contexto de relações compartilhadas a ressignificação das práticas docentes através da busca de condições para mediar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade em uma organização que repense as ações pedagógicas.

Olhar para as relações que acontecem na sala de aula, na tentativa de compreender como o trabalho pedagógico é realizado, quais as intervenções são feitas e como são as peculiaridades do desenvolvimento e da aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foram descritas e analisadas nesse estudo.

Vigotski (2011) nos estudos sobre a defectologia e o desenvolvimento da educação da criança 'anormal' nos mostra através da pesquisa a importância dos caminhos indiretos e as possibilidades do fazer, do construir e aprender na relação com o outro.

De acordo com o autor, o desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão da necessidade, portanto, a criança precisa de ações que a levem a elaborar formas de pensamento, desta forma se faz necessário ressignificar as relações, as práticas planejadas com vistas às especificidades de aprendizagem do aluno autista (VIGOTSKI, 2011).

Com relação ao aspecto metodológico, o desenvolvimento da pesquisa aconteceu de outubro de 2019 a dezembro de 2019 com a professora especialista Laura que acompanhava o aluno Davi³ matriculado no 2º ano do ensino fundamental, em uma escola de Ensino Fundamental do Município de

³ Davi é uma criança de 8 anos, completados no mês de julho do ano de 2019.

Nova Venécia, noroeste do Estado do Espírito Santo. Também foram ³ acompanhadas pela pesquisadora, as aulas planejadas no desenvolvimento do trabalho colaborativo com a professora especialista⁴ e o aluno autista no contexto das relações da sala de aula do ensino comum.

Os participantes da pesquisa estão representados por nomes fictícios, sendo apresentados no quadro 1.

QUADRO 1 – Participantes da pesquisa – Escola de Davi

Participantes da Pesquisa	Nomes fictícios
Responsável Legal	Mãe
Criança com autismo	Davi
Professora de apoio/especializada	Laura
Professora do ensino comum	Alice

Fonte: Elaborado pela primeira autora.

Após os consentimentos dos participantes, entre outubro de 2019 a dezembro de 2019, também foram realizadas as entrevistas semiestruturadas e audiogravadas. Momento esse de muita contribuição para o estudo, oportunidade de adentrar a diferentes realidades, contextualizando as percepções pela lente do pesquisador com foco nos objetos de aprendizagem propostos, nesse sentido, o estudo se caracteriza como uma pesquisa participante.

A escolha por investigar as práticas de professoras especialistas no contexto do ensino comum justifica-se pela responsabilidade a elas direcionadas de mediação entre os saberes escolares junto aos estudantes com autismo. Portanto, trazemos para esse contexto as narrativas das professoras

⁴ O termo “professor especialista” de acordo com a Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, se refere, ao professor (a) de apoio ao estudante com TEA na sala de aula do ensino comum, termo utilizado pela Secretaria Municipal de Educação de Nova Venécia/ES.

participantes da primeira etapa da pesquisa, dados esses obtidos através das entrevistas semiestruturadas e as observações e percepções sinalizadas nas anotações do diário de campo.

AS PESQUISAS SOBRE O AUTISMO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Atualmente, a existência de crianças com deficiência no ambiente escolar tem aumentado, confirmando a urgência da formação de professores. De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica do ano de 2019, o número de matrículas da Educação Especial chegou a 29.124, aumento de 53% comparado ao ano de 2015, estando o maior quantitativo nos anos iniciais do ensino fundamental resultando em 40,4% das matrículas da Educação Especial (TEIXEIRA, 2020).

É crescente também as matrículas de alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que configura uma maior preocupação dos pesquisadores com relação a compreensão de estratégias adequadas dos profissionais da educação no cenário escolar, principalmente, as etapas iniciais referentes a escolarização.

Desta forma, compreendemos a importância das investigações no contexto da escola, atentando-se para as possibilidades de ensino em uma perspectiva inclusiva, respeitando a singularidade da criança com autismo. Portanto, realizou-se uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com a busca de estudos relacionados a escolarização de crianças com autismo realizadas no Estado do Espírito Santo nos Programas de Pós-Graduação em Educação.

Os resultados da pesquisa se modificam na variação das palavras ou termos pesquisados, desta forma pesquisou-se com três temas diferentes: “escolarização de crianças com autismo”, “escolarização de alunos com

autismo” e “crianças com autismo”, resultando em três dissertações (CHIOTE,⁵ 2011; CORREIA, 2012; SANTOS, 2012) e três teses (OLIVEIRA, 2014; CHIOTE, 2017; SANTOS, 2017) no período de 2011 a maio de 2020. Constatou-se que a revisão bibliográfica se faz necessária para compreender a importância da constante investigação e de trabalhos referentes às vivências e experiências das crianças com autismo na perspectiva do contexto escolar.

Nesta perspectiva de dialogar, refletir para compreender as movimentações nos espaços educativos evidenciamos a importância das narrativas com o olhar voltado para as possibilidades de participação da criança com autismo no processo educativo, protagonizando a mediação de qualidade para alcançar o desenvolvimento das crianças em suas aprendizagens.

Diante dos estudos, encontramos também diferentes percepções direcionadas para a criança com autismo, compreendendo que as narrativas perpassam pelas interpretações e subjetividade do olhar do “outro”. Todavia, são essas interlocuções que nos provocam a buscar através de novas pesquisas respostas para as inquietações surgidas.

Como os alunos aprendem e quais são as possibilidades de práticas pedagógicas são inquietações que motivaram também o nosso olhar para a construção de novas narrativas. Nesse contexto, concordamos com as autoras que é notória a importância de visibilizar as práticas docentes, apoiando nas possibilidades de práticas direcionadas aos caminhos alternativos e a mediação intencionada, valorizando a criança enquanto ser social em uma perspectiva de incentivo e oportunidade pensada a simbolizá-la em seu processo de escolarização.

A MEDIAÇÃO E O TRABALHO COLABORATIVO

Chiote (2011, p. 105) nos impulsiona a iniciar essa seção, trazendo para o nosso contexto do tempo e espaço a importância e o papel do mediador no

ambiente escolar, confirmando em uma perspectiva histórico-cultural a necessidade de fundamentarmos as práticas docentes. Desta forma, trazemos alguns recortes das entrevistas com as professoras da escola de Davi, as considerações sobre a mediação e o trabalho colaborativo na concepção singular de cada participante da pesquisa.

A professora Alice aponta alguns indícios pertinentes a necessidade da busca sobre os saberes relacionados ao papel do professor em articular através das práticas pedagógicas as possibilidades de ensinar, levando em consideração o contexto em que se encontra a criança, seja ela com ou sem deficiência. Para Alice a mediação com Davi se dá “[...] *na possibilidade dele, na condição que ele tem de aprender, no limite dele, ele tem todas, a professora dá toda condição a ele para ele fazer o que está ao alcance dele, o limite dele, a capacidade que ele tem de desenvolver a Atividade*” (trecho da entrevista realizada com a professora regente em 06-12-2019).

O que seria o limite e a capacidade de Davi? Como pensar nas possibilidades sem se prender ao limite, as barreiras impostas pelo diagnóstico? Portanto, consideramos importante diferenciar os conceitos espontâneos e os conceitos científicos, e o papel da escola em mediar esses saberes. Para Vigotski (2009, p.263),

A relação dos conceitos científicos com a experiência pessoal da criança é diferente da relação dos conceitos espontâneos. Eles surgem e se constituem no processo de aprendizagem escolar por via inteiramente diferente que no processo de experiência pessoal da criança. As motivações internas, que levam a criança a formar o conceito científico, também são inteiramente distintas daquelas que levam o pensamento infantil à formação de conceitos espontâneos.

Portanto, Alice acredita que a professora Laura já faz tudo que pode ser feito, trazendo para a discussão um sentido diferente da palavra “possibilidades”. Para ela, depende da criança se aprende ou não. Já a Laura, professora especializada, evidenciou não compreender o significado da palavra mediação, trazendo como acréscimo a ideia do trabalho colaborativo, mesmo constatando

apresentar pouca movimentação relacionada a essas significações no contexto escolar, segundo Laura *“a gente auxilia um ao outro mesmo, igual, ela passa o que vai fazer um dia antes para mim, o que vai ser aplicado a cada semana, eu adapto para eles as atividades”* (trecho da entrevista realizada com a professora de apoio em 14-11-2019).

Percebe-se que a ideia de colaboração entre os profissionais se dá no compartilhamento do tema que será trabalhado na próxima aula, ou na próxima semana, evidenciando nos dizeres a ausência das discussões e reflexões relacionadas a singularidade das crianças, bem como, pensar e repensar a prática pedagógica.

A escola, como espaço educativo, precisa se articular na busca de qualificar essas relações, no entanto, talvez seus profissionais não percebam os entornos das especificidades que envolve a profissão, a responsabilidade de buscar novos e diferentes saberes. Ainda sobre a colaboração, segundo a professora Laura *“a única que me ajuda assim, é a professora regente que me passa o conteúdo antecipado. [...] Essa é colaboração mesmo que tem”* (trecho da entrevista realizada com a professora de apoio em 14-11-2019).

Santos (2012, p. 43) aponta também a importância dos espaços educacionais para a interação da criança com autismo, para a autora *“[...] não é incomum observarmos práticas pedagógicas que subestimam o potencial do aluno, traçando o percurso final do aprendizado sem possibilitar avanços reais para os alunos”*.

Para tanto, a professora de apoio nomeada como “especialista”, considera o termo, *“[...] esse nome que deram para a gente, acho que pesa muito. Especialista naquilo que você tem que ser, como se a gente soubesse tudo, muita coisa”*. Sua narrativa constata que precisa saber mais, no que compete a própria ação do trabalho colaborativo, sendo nesse contexto, a responsável em apresentar o “como fazer” para que o aluno tenha acesso as propostas

pedagógicas pensada para ele e seus pares, bem como a articulação e organização dos trabalhos. Diante disso, trazemos para o próximo item as dificuldades e possibilidades identificadas pelas professoras.

O PLANEJAMENTO DAS AULAS E A APRENDIZAGEM DO ALUNO

O planejamento pedagógico é a peça fundamental para a elaboração de uma boa aula, considerando que é nesse momento que são traçadas as estratégias e objetivos propostos levando em consideração as observações sinalizadas nos resultados obtidos anteriormente, o que foi produtivo e quais pontos precisarão ser revistos e modificados, bem como, os possíveis imprevistos. Desta forma, a organização do tempo, os recursos necessários e a colaboração são importantes aspectos para contextualizar a proposta planejada, levando em consideração as especificidades das crianças envolvidas.

As professoras têm uma carga horária de 25h, sendo que cinco horas dessa jornada se referem ao planejamento, organizado para acontecer individualmente e coletivo com a orientação da supervisora escolar. No contexto da relação colaborativa e do planejamento entre os profissionais, percebe-se pouca movimentação relacionada às práticas desenvolvidas. Alice, professora regente (substituta) da turma, afirma que:

No caso, eu preparo a aula junto com a Laura, **que é a professora do Davi** e ela faz as suas adaptações, de acordo com o que chama a atenção dele, porque nem tudo que você está dando lá na frente para turma inteira chama a atenção dele, tem que ser de acordo com a expectativa dele, às vezes as histórias que estou contando, às vezes ele vai para frente fica ouvindo, mas, não o segura por muito tempo, mas, nas atividades que são adaptadas para ele, que ela já sabe, que ela tem mais o convívio direto com ele, ela já sabe a forma que agrada ele, que chama atenção, que prende ele (trecho da entrevista com a **professora regente** realizada no dia 06-12-2019, **grifos nossos**).

Nesse contexto, quem seria a professora de Davi? Quem se configura como professora da turma do segundo ano? Constatamos nas entrelinhas o

direcionamento da referida função à professora de apoio, compreendendo que as duas se fazem professora de Davi.

Nesse cenário evidenciamos pouca articulação dos fazeres pensados na participação da criança, dessa forma, como Davi aprende? O que os professores sabem sobre os seus saberes?

O cotidiano escolar tem muito a dizer das escolhas, das ações pedagógicas do professor, ações essas que podem ser benéficas ou não para o desenvolvimento da criança. A compreensão de qual caminho seguir, quais intervenções realizar, dependerá da interpretação, do saber de cada docente, sendo singular no compreender e no desenvolver de sua prática. Para Smolka e Laplane (1993, p.79-80),

O modo de interpretar depende, por sua vez, da sua história, da sua formação, da sua experiência, bem como o acesso aos acontecimentos produzidos historicamente. Tais conhecimentos – teóricos, sistematizados, divulgados – sobre o desenvolvimento das crianças, sobre seus modos de aprender, sobre as formas de ensinar, sobre os conteúdos, valores, prioridades da época etc. – porque históricos, configuram-se em determinado espaço e tempo e tornam-se (ou não) disponível ao professor (através de leituras, cursos, conversas etc.), passando a fazer parte dos recursos materiais dos quais ele lança mão nas situações concretas. Nesse sentido, o olhar do professor não é só dele, uma vez que é marcado pelo movimento das ideias, pelas questões e debates relevantes em um dado momento histórico.

Portanto, compreendemos que os esforços das professoras se dão na relação estabelecidas com os seus saberes, de suas produções, contudo, acreditamos que somos capazes de aprender novos conhecimentos com as trocas significativas e nas investigações provocadas pelas inquietações. E é nesse cenário que a pesquisa no ambiente escolar se faz necessária e importante, ela nos permite vivenciar essas experiências, possibilitando novos direcionamentos dos participantes.

DIFICULDADES E POSSIBILIDADES COM O ALUNO COM TEA - A COMUNICAÇÃO

O que é natural se transforma em cultura, nas e também pelas relações concretas da vida.

(Anna Maria Lunardi Padilha)

Ao ingressar na escola a criança passa a vivenciar um espaço de constituição social, onde se relaciona com o outro e consigo mesma, trazendo para sua constituição enquanto pessoa as experiências individuais e coletivas. Dessa forma, consideramos a comunicação um aspecto necessário para que ocorra a participação de todos os envolvidos, para isso, a criança com autismo, para muitos momentos fica restrita a não participar dessas experiências. Nesse sentido, os estudos já sinalizam que o desenvolvimento da criança com autismo se dá na maneira em como as pessoas as veem, por qual lente e em qual perspectiva se dedica a compreender as possibilidades de estratégias e ações, de envolvimento para além do próprio autismo (CHIOTE, 2011; 2017; CORREIA, 2012; OLIVEIRA, 2014; SANTOS, 2012; 2017).

Em busca de compreender como que se formaliza no ambiente escolar a comunicação de Davi, esse estudo atentou-se novamente para as professoras, extraindo das entrevistas trechos relevantes para essa análise.

No entanto, embora as professoras evidenciem saber que cada criança é diferente uma da outra e que precisa ser trabalhado com estratégias diferenciadas, as narrativas ainda nos sinalizam uma precariedade sobre o que seria essa compreensão relacionada a singularidade, principalmente as que envolvem a dificuldade de saber os aspectos sobre a identidade da criança.

Nesse contexto, a professora Laura aponta que a maior “[...] *dificuldade de trabalhar com ele é a parte da socialização*”, tendo em vista que outros fatores não contribuem para uma melhor interação, observando segundo ela,

Ele não me obedece muito não, quando ele está fora da sala de aula e não quer entrar, fica no pátio correndo e não me obedece, eu posso falar dez vezes com ele, eu não consigo isso nele. Tenho que chamar as vezes a diretora para poder chamar atenção dele, aí ele

vai, obedece a ela (trecho da entrevista realizada com a professora de apoio, em 14-11-2019).

Portanto, o que esses dizeres nos proporciona saber sobre Davi, qual seria o vínculo com a diretora e por qual motivo ainda não estabeleceu uma relação de resposta a professora Laura? Para tanto, esses saberes envolvem observação no que se refere aos detalhes, as manifestações evidenciadas nos gestos, nos movimentos, comportamentos, nos gritos, no choro, no sorriso, enfim, em tudo que é preciso descobrir para de fato conhecer a criança. Para Padilha (2007, p.101),

As ações humanas são ações significativas, também simbólicas, portanto: criam relações entre os objetos, entre os objetos e as palavras, entre palavra e palavra. As condições de produção dessas ações significativas devem ser compreendidas como relações entre a linguagem, a cognição e a cultura.

As relações humanas nesse contexto precisam ser construídas, a professora Laura evidencia ter muito carinho pelo Davi, no entanto, sinaliza através de suas narrativas restrição relacionadas as possibilidades de qualificar a comunicação com Davi. Laura afirma que *“costumo falar menos palavras possíveis, costumo não falar textos, ler frases, como exemplo: “água”, ir ao banheiro”*. Acho que é só isso mesmo e imagens, trabalho muito com imagens e poucas palavras (trecho da entrevista realizada com a professora de apoio, em 14-11-2019).

Para qualificar a comunicação se faz necessário que as experiências em torno das palavras sejam significativas, para que a criança se aproprie do significado e dos diferentes contextos de utilização, “[...] a comunicação pressupõe necessariamente generalização e desenvolvimento do significado da palavra, ou seja, a generalização se torna possível se há desenvolvimento da comunicação” (VIGOTSKI, 2009, p. 12).

A professora Alice, constata fazer uso da mesma estratégia de comunicação utilizada por Laura, inserindo os gestos quando necessário, e *“às vezes é uma*

palavra só”. No entanto, descreve que não identifica dificuldade em trabalhar com a criança, apontando possibilidade de interação com Davi através dos seus interesses. Para ela,

Eu acho que o Davi não tem nenhuma dificuldade, ele age de acordo com a capacidade dele, igual, ele não gosta muito de escrever, você limitar, mas dentro do que ele está vendo lá na frente, ele pega as coisas e ele faz, se eu conto uma história, ele pega um papel, só fica pedindo papel, pede papel, aí ele vai lá e faz alguma coisa relacionada a história, ou ele pega o baldinho de alfabeto móvel, coloca em cima da mesa e quando eu termino de contar a história e vai lá e pega o livro e escreve alguma frase de acordo com a história. [...] Eu Fico impressionada. Aí depois ele fica andando para lá e para cá e falando algumas frases relacionadas a história que eu contei, quando ele não escreve, [...] ele espera eu terminar de contar história vai lá pega o livro põe na mesa dele aí ele vai escrevendo (trecho da entrevista realizada com a professora regente, em 06-12-2019).

As dificuldades apresentadas configuram-se em indicadores que possibilitam serem potencializados com intencionalidade, principalmente nos aspectos relacionados a comunicação envolvendo o aluno com autismo nas relações estabelecidas na sala de aula. Quando a professora Alice relata as interações de Davi no enunciado acima, mostra a atenção voluntária e sua participação ao pegar o livro, pegar o papel para desenhar e escrever a frase relacionada à literatura apresentada, entre outras, já sinalizadas pelos estudos de Chiote (2011, p. 43-44) apoiada aos estudos de Vigotski,

A criança desenvolve-se na medida em que suas experiências sociais possibilitam-lhe regular seu comportamento de acordo com os contextos em que está inserida, nas relações com os outros e com o meio. Ao tomar consciência de seus atos, a criança passa a agir de modo intencional, voluntário, planejado, podendo organizar e avaliar suas ações, características das funções psicológicas superiores que só se encontram no ser humano.

Portanto, através das ações, reflexões e fazeres as professoras podem qualificar as aprendizagens da criança, principalmente no que diz respeito a atenção, memória, imaginação, pensamento e linguagem norteados pelos estudos de Vigotski (2011). Para tanto, à luz da concepção vigotskiana, conseguimos compreender que os fazeres construídos na escola são

possibilidades concretas de desenvolvimento da criança com autismo, desta forma ao pensarmos na importância da comunicação, perpassamos pelo desenvolvimento do pensamento verbal, da fala significativa e da atribuição de sentidos à fala do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento de reflexão, identificamos que perpassamos por muitos caminhos, os quais nos levaram a conhecer, a refazer, a refletir e repensar os fazeres antes pensados, em uma perspectiva de movimentação de práticas pedagógicas dialogadas em pares para serem desenvolvidas não somente pela criança com autismo, mas sim pelas crianças que compõe a coletividade da sala de aula.

Acreditamos que pensar na singularidade da criança com autismo sem afastá-la das vivências escolares oportunizadas no ambiente historicamente cultural e social é ressignificar as práticas docentes, como também impulsionar as transformações humanas, compreendendo a importância da mediação, seus entornos e sua importância para o desenvolvimento de todas as crianças no processo de escolarização, incluindo as crianças com autismo.

Construímos junto aos participantes da pesquisa, saberes que serão levados para as futuras práticas docentes, considerando que as necessidades vivenciadas por elas, também nos deram pistas para novas investigações, nos mostrando através da relação com o outro, a nossa fragilidade e potencialidade enquanto professor pesquisador, constatando que as aprendizagens necessitam de um contínuo processo de novos saberes.

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, constamos no primeiro momento do estudo com as experiências vivenciadas na escola de Davi, a necessidade de direcionarmos os nossos olhares para as narrativas dos participantes da pesquisa, o planejamento, dificuldades e possibilidades, as

mediações das professoras especializadas no contexto da sala de aula, o percurso do desenvolvimento da criança e a avaliação da aprendizagem, para assim compreender os entornos da realidade em que se encontrava Davi.

Constatamos através das análises das narrativas a partir das entrevistas, dos dizeres e percepções escritas no diário de campo, bem como os diálogos e produções realizadas com cada participante, que o docente para conhecer melhor as possibilidades de ensino e aprendizagem dos alunos com autismo, precisam lançar mão de dedicação e tempo para pensar individualmente e coletivamente nos fazeres pedagógicos que atendam as especificidades das crianças no contexto do ensino comum, lançar mão de antecipação e planejamentos com intencionalidade para novas descobertas e pistas de novas propostas.

Notamos os aspectos referentes a comunicação através de diferentes recursos e uso da linguagem para manifestação de pensamento, evidenciando mais uma vez, que as pesquisas relacionadas a escolarização da criança com autismo tem como pressuposto pensar e acreditar no desenvolvimento humano através de experiências significativas, compreendendo que a escola tem um papel fundamental a essa construção e que cabe a nós, docentes, nos apropriarmos dos saberes produzidos pelas buscas diárias de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Mediação Pedagógica na Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil**. Vitória, ES, Brasil, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/2289>>. Acesso em 18 de jun. 2020.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **A escolarização do aluno com autismo no ensino médio no contexto das políticas de educação especial no**

Estado do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil, 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/6851>>. Acesso em 18 de jun. 2020.

CORREIA, Helen Cristina. **A inclusão da criança com autismo em uma escola de educação infantil.** Vitória, ES, Brasil, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Disponível em:<<http://repositorio.ufes.br/handle/10/2334>>. Acesso em 18 de jun. 2020.

OLIVEIRA, Renata Imaculada de. **Conta-me como foi:** percursos escolares de jovens e adultos com deficiência e transtorno global do desenvolvimento, mediados por processos de compensação social. Vitória, ES, Brasil, 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Disponível em:<<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1922>>. Acesso em: 19 de jun. 2020.

PADILHA, A. M. L. **Práticas pedagógica na educação especial:** a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. 4. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção contemporânea).

TEIXEIRA, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio. Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2019 [**recurso eletrônico**]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. XX p.: il.

SANTOS, Emilene Coco. **Entre linhas e letras de Rafael:** estudo sobre a escolarização de uma criança com autismo no ensino comum. Vitória, ES, Brasil, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Disponível em:<<http://repositorio.ufes.br/handle/10/8627>>. Acesso em 18 de jun. 2020.

SANTOS, Emilene Coco. **Os alunos com autismo no primeiro ano do ensino fundamental e os movimentos de construção das práticas pedagógicas.** Vitória, ES, Brasil, 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Disponível em:<<http://repositorio.ufes.br/handle/10/6850>>. Acesso em 19 de jun. 2020.

SMOLKA, A. L. B.; LAPLANE, A. L. F. O trabalho em sala de aula: teorias para que? **Cadernos Ese**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, 2.ed. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez.2011.